



Cira Arqueologia

N.º 5



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira





Cira Arqueologia

N.º 5



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira

PROPRIEDADE

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira
Museu Municipal

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

João Pimenta

TEXTOS

Alberto Mesquita, Ana Margarida Arruda, António Valongo, Carlos Pereira, Carolina Grilo, Cézer Santos, Cleia Detry, Elisa de Sousa, Henrique Mendes, João Pimenta, João Sequeira, José Pedro Henriques, Mário Longuinho Pereira, Nuno Mota, Rodrigo Banha da Silva, Rui Roberto de Almeida, Tânia Casimiro, Vasco Gil Mantas, Victor Filipe

REVISÃO

João Pimenta, Henrique Mendes

DESIGN E PAGINAÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira DIMRP/SDPG
Patrícia Victorino

EDIÇÃO

CD-Rom | 100 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

2016/2017

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores.

ISSN

2183069X

Apresentação - Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira	5
1	9
A ocupação Proto-Histórica do Alto dos Cacos (Almeirim, Portugal) ELISA DE SOUSA, JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E ANA MARGARIDA ARRUDA	
2	33
Serra de Santa Marina, Cáceres Viejo (Casas de Millán, Cáceres, Espanha). Un Sítio Paradigmático no contexto das Guerras Sertorianas CARLOS PEREIRA	
3	55
Os Cossoiros de Porto de Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos) MÁRIO LONGUINHO PEREIRA	
4	76
O Miliário da Quinta de Santa Teresa (Alenquer) e outros problemas viários associados VASCO GIL MANTAS	
5	86
A cerâmica comum da <i>villa</i> romana de Povos, Vila Franca de Xira CAROLINA GRILO E CÉZER SANTOS	
6	116
A Urbanística do Subúrbio Ocidental de <i>Felicias Iulia Olisipo</i> (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145 RODRIGO BANHA DA SILVA E ANTÓNIO VALONGO	
7	149
Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de <i>Olisipo</i>. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa NUNO MOTA, CAROLINA GRILO, RUI ROBERTO DE ALMEIDA E VICTOR FILIPE	
8	207
Cerâmicas romanas provenientes do rio Tejo, no acervo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Novos e velhos dados JOÃO PIMENTA, HENRIQUE MENDES E MIGUEL CORREIA	
9	238
Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum CLEIA DETRY E JOÃO PIMENTA	
10	260
Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOÃO SEQUEIRA	
11	274
Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI E XVII TÂNIA MANUEL CASIMIRO E JOSÉ PEDRO HENRIQUES	



Cirra Arqueologia

N.º 5

➤ **Faiança Portuguesa dos Séculos XVI-XVIII recuperada no Tejo**

TÂNIA MANUEL CASIMIRO (IAP/IHC – FCSH-UNL, PÓS-DOC FCT)

JOÃO SEQUEIRA (IHC-FCSH/UNL)¹

RESUMO

Cerca de uma centena de objectos em faiança, sobretudo pratos e taças, recuperados no Tejo são aqui apresentados. A ausência de um contexto arqueológico específico permite apenas o estudo formal e decorativo, contribuindo, no entanto, para o conhecimento das produções de Lisboa nos séculos XVI, XVII e XVIII e as movimentações comerciais destes objectos ao longo do Tejo.

ABSTRACT

Approximately hundred tin glazed ware objects found along the River Tagus are studied in this paper, the majority being plates and bowls. The absence of a well defined archaeological context forced us to base the study of this collection on form and decoration, providing a contribution to the study of Lisbon productions and the commercial movements along the Tagus River in the 16th, 17th and 18th centuries.

Introdução

Os objectos dados a conhecer neste artigo foram recuperados ao longo do Rio Tejo entre Muge e Vila Franca de Xira, muitos deles recolhidos nos bancos de areia e margens deste rio e sem serem possíveis de associar a um contexto arqueológico bem definido. Encontram-se depositados nas reservas arqueológicas do Museu de Vila Franca de Xira.

A colecção pode ser datada entre meados do século XVI e finais do século XVIII. A selecção dos objectos aqui apresentados foi efectuada atendendo à forma tradicional com que foram produzidos. Peças associadas a produções industriais têm sido igualmente recuperadas ainda que propositadamente deixadas de parte no presente trabalho. Foram analisadas neste estudo cento e sete peças. Exceptuando uma tampa e um penico, todas elas correspondem a taças ou pratos. Esta é uma realidade morfológica observável em diversos contextos onde as formas abertas chegam a corresponder a cerca de 90% do total das colecções (Casimiro, 2011). Acresce a este número o fragmento de uma caixa de forno, objecto no interior do qual se procedia à segunda cozedura da faiança.

Não sendo possível atribuir-lhe um contexto arqueológico, acreditamos que aquelas são resultado de pelo menos duzentos e cinquenta anos de descarte de lixos no rio Tejo. Recolhas afins são conhecidas ao longo de todo o seu percurso pelo menos desde Abrantes às margens de Lisboa, ainda que raramente divulgadas.

O que se entende por faiança portuguesa começa a ser produzido na área de Lisboa e sul do Tejo durante a primeira metade do século XVI ainda que nessa altura o tipo de louça fosse maioritariamente utilitário. Só a partir de finais de quinhentos começam as olarias de Lisboa,

seguidas por Coimbra e Vila Nova, a produzir louça azul e branca com qualidade suficiente para uma exportação em larga escala. Este tipo de produção irá conhecer o seu momento áureo durante a primeira metade da centúria seguinte, sensivelmente entre 1610 e até 1660, capaz de conquistar mercados internacionais e competindo directamente com as produções italianas, holandesas, francesas e inglesas, com as quais partilha os contextos arqueológicos. Ainda que a produção seja intensa nos finais de seiscentos, é quase exclusivamente orientada ou para o mercado interno ou para as colónias portuguesas, com descobertas um pouco por todo o mundo (Casimiro, Gomes e Gomes, 2015).

A aproximação às cerâmicas recuperadas no Tejo, atendendo à falta de um contexto arqueológico bem definido, tem de ser feita através de tipologias pré-definidas tanto a nível de forma, decoração e cronologia, seguindo metodologias apresentadas em estudos pré-existentes (Casimiro, 2013). Nesse sentido elas serão apresentadas de acordo com as datas de produção numa interpretação cronológica, formal e decorativa. Interessa saber que tipos de faianças saíam de Lisboa em direcção às mais diversas localidades utilizando o Tejo como percurso de distribuição. Efectivamente estas peças têm sido encontradas frequentemente em diversas localidades ao longo do curso do rio nomeadamente Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2007), Alverca (Pimenta e Mendes, 2007), Santarém (Carneiro, 2000; Boavida, Casimiro e Silva, 2016) ou mesmo Abrantes (Delfino e Portocarrero, 2010). Ainda que não publicados surgem notícias de achados em locais como Salvaterra de Magos ou Alhandra e em diversos pontos de Santarém em relatórios de escavações arqueológicas.

As peças aqui apresentadas demonstram uma larga variabilidade de pastas desde as brancas claras às mais rosadas. Ainda que as peças atribuídas ao século XVI possam efectivamente ter sido produzidas tanto em Lisboa como na margem sul do Tejo ambas oferecem pastas macroscopicamente semelhantes. Quanto às produções do séculos XVII e XVIII, não há indicações de olarias em outros locais que não Lisboa, pelo que a variabilidade das pastas está claramente relacionada com o tipo de misturas, às quais se adiciona mais ou menos barro vermelho, e não ao centro produtor.

A apresentação dos objectos combinou a representação gráfica da forma com o registo fotográfico da decoração, permitindo a seriação das formas numa tabela de evolução cronológica, mas igualmente a apresentação do estilo decorativo.

As faianças

As primeiras produções (1520-1610)

Estas correspondem sobretudo a taças carenadas, assentes em pé anelar e a pratos, com fundo em ônfalo, ainda que também tenham sido recuperadas duas taças hemisféricas (Fig. 1). A decoração, quando existente, limita-se a algumas linhas azuis concêntricas junto ao bordo interno ou no interior do fundo. São peças que se sabem ter sido produzidas tanto em Lisboa como na margem sul do Tejo, pelo menos desde a primeira metade do século XVI, ainda que com maior divulgação a partir de 1550 e sensivelmente durante toda a segunda metade daquele século sendo utilizadas ainda nos primeiros anos da centúria seguinte quando a louça azul e branca era ainda muito dispendiosa e acessível apenas a alguns.

Trata-se do tipo de peças mais frequente nesta colecção com vinte e quatro taças carenadas, dezoito pratos com fundo em ônfalo, duas taças hemisféricas e três pratos rasos, com o fundo ligeiramente côncavo, num total de quarenta e sete peças. Destas apenas quatro

apresentam decoração, muito embora uma quinta peça ofereça metade do seu corpo vidrado a verde, solução já conhecida nesta cronologia nas produções dos fornos identificados na Mata da Machada (Torres, 1990; Carmona e Santos, 2005). A decoração, sempre a azul, traduz-se em linhas concêntricas junto ao bordo ou fundo, em dois dos casos. No interior de uma taça surgem diversos semicírculos arrumados numa opção quase floral (Fig. 1A) e em outra sobrevém o que se pode designar de uma pequena palmeta, possivelmente inspirada nas decorações espanholas.

São peças muito frequentes nas cronologias indicadas e largamente identificadas nos contextos arqueológicos nacionais, mas ainda parcamente publicadas, tais como o Palácio dos

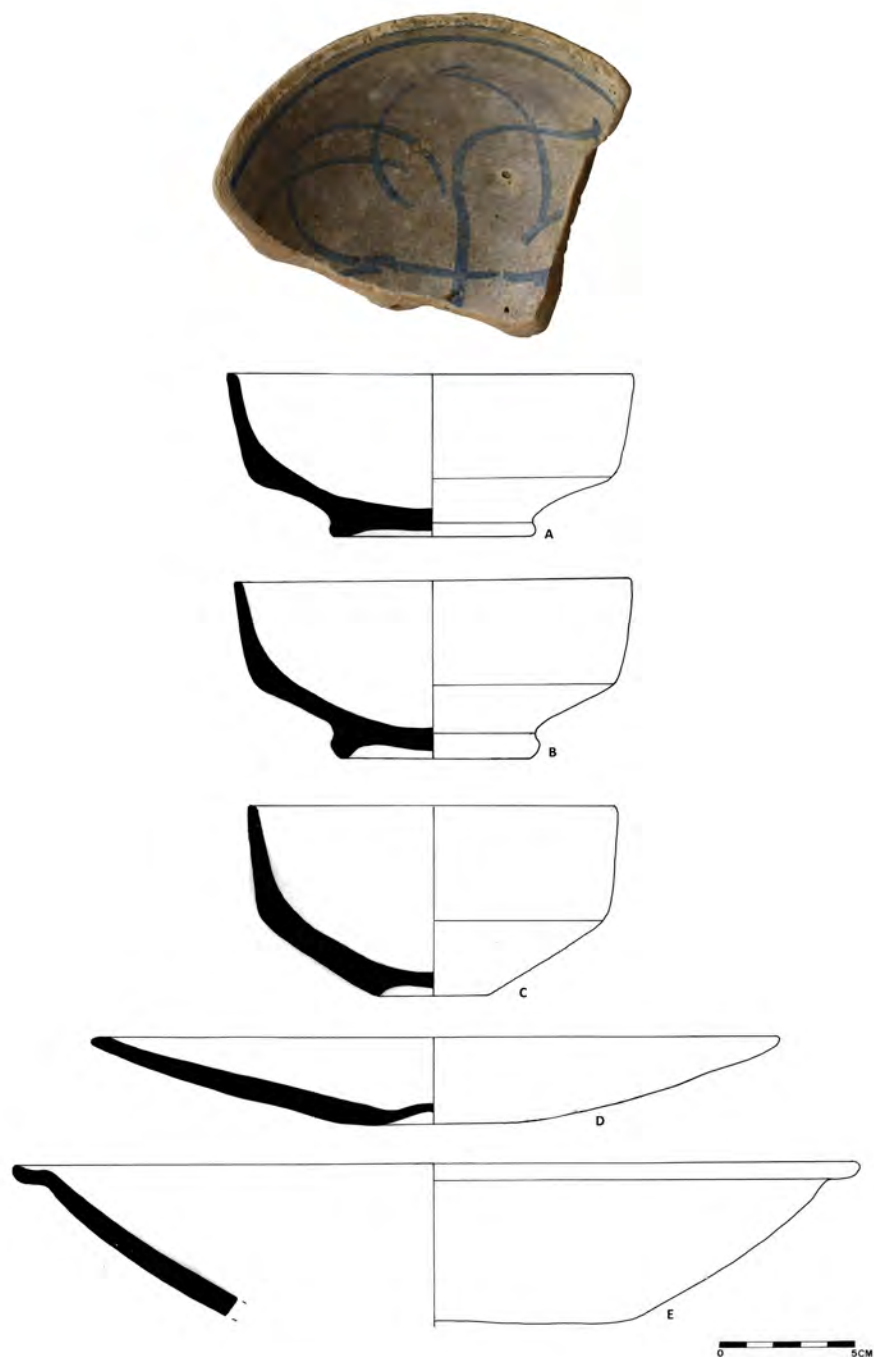


Figura 1
Faianças (1520-1610)

Corte Real em Lisboa (Sabrosa, 2008), ou na prisão do Aljube (Amaro et al., 2016), em Coimbra (Silva, 2016) ou em Almada (Casimiro, Barros e Gonçalves, 2014). Em boa verdade elas surgem em grande quantidade um pouco por todo o país ainda que até há cerca de uma década fossem publicadas exclusivamente como produções espanholas (Barbosa, Casimiro, Manaia, 2009; Gomes e Gomes, 1996; Sabrosa, 2008) pois não apenas imitam os modelos espanhóis como se desconheciam a sua produção em Lisboa e arredores, já devidamente comprovada (Ferreira, et al., 2013).

De notar que duas das peças apresentam esgrafitos no exterior do fundo, marcas que, ainda não tendo sido confirmado, têm vindo a ser identificadas como sinalizando a sua pertença a um indivíduo em particular podendo corresponder a letras, cruces ou mesmo estrelas, marcando propriedade (Barbosa, Casimiro e Manaia, 2009; Gomes e Gomes, 1996).

A partir de 1570/80 estas produções começam progressivamente a ser substituídas por peças decoradas a azul e que bebem inspiração não apenas nas produções europeias, espanholas e italianas, mas também nas produções orientais, que se tornam efectivamente uma das principais influências na produção portuguesa. São peças raras nos contextos arqueológicos e apenas uma pequena percentagem do total de louça revestida a esmalte estanífero nesta cronologia. A maioria continua a ser a louça utilitária ao estilo espanhol. Nenhuma destas peças foi reconhecida na colecção que aqui se apresenta. [FIG.1](#)

A afirmação do azul e branco (1610-1635)

Apenas três peças podem ser fielmente atribuídas a este período com duas taças e um prato. É o momento em que a louça azul e branca, decorada com motivos de inspiração oriental e europeia começa a aparecer com maior frequência nos contextos arqueológicos, substituindo progressivamente a louça branca tão em voga na centúria anterior.

Dois dos objectos apresentam decoração denominada de pequenas espirais (Fig. 2A), algo que tem vindo a ser registado desde finais do século XVI, mas que tem o seu período áureo de produção entre 1610 e 1635, desaparecendo completamente na segunda metade do século XVII. A outra peça trata-se de pequena taça cujas paredes exteriores apresentam decoração de inspiração oriental com vestígios de elementos vegetalistas inseridos numa cartela oval (Fig.2B). Decoração muito semelhante pode ser encontrada em igual forma, datada de 1621, que se encontra em exposição no Museu Nacional Soares dos Reis no Porto (Santos, 1960, 42).

É ainda o momento onde a Faiança Portuguesa é muito fiel aos modelos que copia com decorações muito semelhantes às produções de porcelana e mesmo às restantes peças de inspiração Europeia. O seu valor de mercado deveria ser altíssimo pois não só falamos de peças de elevada qualidade produtiva como a própria temática decorativa assim o sugere com diversos brasões de famílias portuguesas e estrangeiras. Estes objectos seriam certamente consumidos pelas elites nacionais e estrangeiras. [FIG.2](#)

A democratização do consumo (1635-1660)

Não obstante terem sido recuperados apenas dez objectos desta cronologia, este é o período em que a faiança portuguesa começa a aparecer em grandes quantidades nos contextos arqueológicos. A par das peças de enorme qualidade, tal como o grande prato com a figuração central de coelho e pássaro que se encontra nesta colecção (Fig.1G), claramente



Figura 2
Faianças (1610-1660)

destinado ao consumo das elites, começam a surgir peças de menor dimensão e com decoração vegetalista que se encontram associados a contextos arqueológicos menos abastados.

A decoração de inspiração oriental continua a ser uma das principais características destas cerâmicas, ainda que a reprodução já não seja fidedigna, mas sim com um estilo mais livre onde os rolos de papel e as folhas de artemísia se irão transformar nos conhecidos *aranhões* inseridos no interior de cartelas que alternam nas abas dos pratos com crisântemos e laços, motivos representados no grande prato já mencionado. Esta é efectivamente uma das decorações mais solicitadas pelos mercados internacionais com diversos achados no Norte da Europa e no Novo Mundo (Casimiro, 2011; Gomes e Casimiro, 2013, 121; Ostkamp, 2010, 59; Stoddart, 2000, 60)

Um dos pratos possíveis de atribuir a esta cronologia apresenta no interior do fundo vestígios de um brasão onde ao centro se encontrava um leão rampante, normalmente reconhecido como o brasão dos Silvas, ainda que diversas famílias o pudessem ter utilizado (Fig. 2E). É igualmente um dos tipos decorativos mais frequentes neste momento e a sua distribuição nacional e internacional com achados um pouco por todo o país, mas igualmente em Inglaterra e na Terra Nova, lançam a discussão se seria utilizado apenas por famílias nobres ou em qualquer ambiente doméstico (Casimiro, 2011; Wilcoxon, 1999).

Oito das peças atribuídas a este período podem ser generalistamente designadas como contendo decoração vegetalista destacando-se as grandes pétalas, os fetos e um exemplar com algo que podemos designar como trepadeiras (Fig. 2C, D, F). Peças semelhantes podem ser encontradas em diversos arqueossítios em Lisboa (Gomes e Casimiro, 2013, 28; Torres, 2011), Almada (Casimiro, Barros e Gonçalves, 2014), ou mesmo Setúbal (Almeida, 2012). Ainda que exportadas em menor escala encontram-se igualmente nos contextos internacionais (Casimiro, 2011; Clays, Jaspers e Ostkamp, 2010).

É um dos momentos mais criativos da produção de faiança portuguesa onde são produzidas grande parte das peças que se conhecem em contexto arqueológico, pelo que a ocorrência de apenas dez peças nesta colecção é algo que nos surpreendeu. É o momento da democratização do consumo em que estes objectos chegam a camadas menos abastadas da população e efectivamente recuperados em quantidades consideráveis em diversos contextos arqueológicos directamente relacionados com o Tejo. Em outros locais do país este fenómeno também se observa, nomeadamente no Porto, Coimbra, São João de Tarouca, ainda que alimentados pelos outros centros produtores (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1996; Sebastian, 2015). **FIG. 3**

A consolidação do consumo (1660-1700)

Este é o momento em que a produção de faiança continua em larga escala, ainda que o tipo de decoração sofra grandes alterações. Uma das características que mais distingue este período trata-se da introdução prolífica do uso do manganês que, no período anterior, tinha sido utilizado parcamente em algumas peças denominadas de desenho miúdo. A sua utilização mais frequente, a partir de 1660, será na decoração de pratos com aranhões muito estilizados, que alteram com crisântemos, rendas, contas e a faixa barroca, ainda que ocasionalmente apareçam objectos com pequenos apontamentos em vinoso.

De um total de 20 objectos possíveis de atribuir a esta cronologia na colecção aqui estudada, cinco apresentam decoração em manganês (Fig. 3). Um prato e uma tampa oferecem uma das decorações mais frequentes nos contextos arqueológicos, as denominadas contas (Fig. 3D), que irá perdurar até finais d século XVIII. Este é o momento do aparecimento da

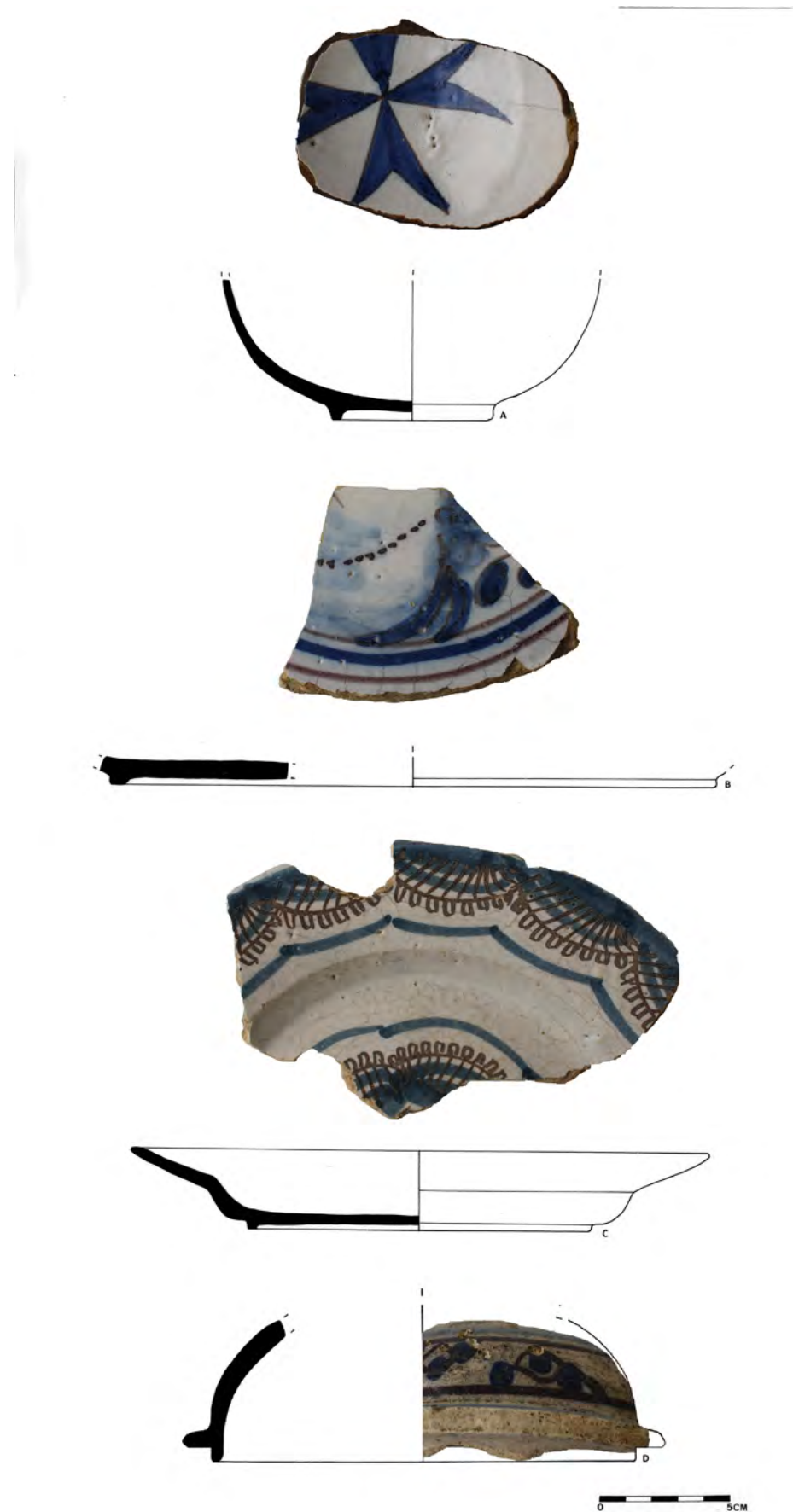


Figura 3
Faianças decoradas
a azul e manganês
(1660-1700)

decoreção designada de rendas, que pode surgir em azul ou em azul e manganês, tal como o prato que aqui foi identificado com rendas na aba e junto ao fundo (Fig. 3C). Estes são achados frequentes na zona de Lisboa, nomeadamente na Casa dos Bicos em contextos de finais do século XVII (Amaral e Miranda, 2002, 62). Relativamente aos outros dois recipientes com decoreção a azul e manganês um deles trata-se de grande prato, do qual infelizmente só possuímos pequena porção do fundo, mas onde se pode observar ainda o colo de busto de senhora com parte do pescoço e o colar que o adornava (Fig. 3B). Estes objectos representavam imagens quase caricaturadas de senhoras, em vestes nobres, que podem estar de alguma forma relacionadas com as floras mitológicas (Gomes e Casimiro, 2016). Foi também recuperada taça hemisférica com uma estrela, semelhante à estrela de Malta, no interior do fundo (Fig. 3A). Decoreção afim foi encontrada em prato no espólio de naufrágio identificado na Ilha do Sal, em Cabo Verde (Gomes, Casimiro e Gonçalves, 2012).

Ainda que o manganês tenha sido a grande inovação deste período, o azul sobre branco continua a ser a decoreção mais frequente sobretudo com a consolidação de um tipo ornamental denominado de semicírculos concêntricos que irá sobrepor-se a todos os outros tipos decorativos com enorme quantidade de materiais e, até ao momento, reconhecido em todos os contextos arqueológicos lisboetas de finais do século XVII, bem como em diversos contextos coloniais. Nove objectos apresentando esta ornamentação encontram-se na presente colecção, correspondendo a seis taças troncocónicas, um prato sub-trococónico e duas taças hemisféricas (Fig. 4A-E). Outra decoreção frequente mostra-se nos pratos onde o fundo apresenta uma muito estilizada Cruz-Espada da Ordem de Santiago, solução deveras recorrente nas cronologias aqui mencionadas com achados frequentes em Lisboa não apenas em contextos de consumo, mas igualmente em contextos de produção com diversos objectos identificados na Rua de Buenos Aires, associados a restos de produção que preenchiam buracos abertos para extrair barro utilizado nas olarias de faiança na zona de Santos (Batalha et al, 2012).

Este é o último momento da exportação de faiança portuguesa com raros achados fora do país ou das colónias portuguesas, mas ainda com algumas evidências em Inglaterra e na Terra Nova (Casimiro, 2011), tendo a exportação para os Países Baixos cessado por completo. FIG.4

O regresso ao branco (1700-1766)

Nos inícios do século XVIII a profusa decoreção que preenchia os centros e abas dos pratos em faiança tende a desaparecer para quase assistirmos a um regresso às origens, levando a que algumas peças produzidas já na centúria de setecentos sejam muitas vezes mal interpretadas como quinhentistas. Durante este período, cujo *terminus* se coloca em 1766 não devido ao fim da produção das olarias, que continuaria, em alguns casos, por todo o século XIX, mas por se tratar do ano da fundação da primeira unidade industrial de produção de louça. Aquele ocorreu em Massarelos, no Porto seguida, no ano seguinte, por Lisboa, com a fundação da Real Fábrica de louça ao Rato. Estas unidades industriais vão efectivamente produzir um tipo de louça muito diferente daquele que as olarias manufacturavam em muito inspiradas pelos modelos franceses e ingleses.

Na colecção em apreço este período corresponde a vinte e quatro peças onde se contabilizam seis taças hemisféricas, cinco tigelas de paredes oblíquas, doze pratos e um vaso de noite. As peças destinadas ao consumo de alimentos à mesa apresentam todas soluções decorativas muito semelhantes com duas linhas azuis concêntricas junto ao interior do bordo e outras duas junto ao fundo. O centro do fundo apresenta elemento vegetalista muito estilizado e



Figura 4
Faianças decoradas a azul (1660-1700)

de reduzidas dimensões (Fig.5 A,B,D,F). Peças destas são sobretudo comuns nos contextos arqueológicos associados ao terramoto de 1755 pois seriam a maioria das peças em uso na altura, particularmente em Lisboa e arredores. Destacam-se os achados identificados em casa setecentista escavada na encosta do Martim Moniz (Casimiro, 2011a), mas igualmente em Almada, nos Paços do Concelho (Barros, 1984).

É o momento onde diversa louça dita conventual é recuperada durante as escavações de antigas casas religiosas, designadamente no Mosteiro de São Vicente de Fora (Ferreira, 1981) ou no Convento de São Francisco (Torres, 2011), ambas em Lisboa ou mesmo em Setúbal, no Convento de Jesus (Almeida, 2012). Esta louça torna-se quase completamente branca apenas com alguns apontamentos a azul ou manganês onde não raramente surgem as iniciais da ordem religiosa.

Olarias em tempos industriais 1766-1850

Com o desenvolvimento das produções industriais as olarias tendem a alterar ligeiramente as suas decorações de forma a poderem corresponder às novas produções. Apenas três pratos desta cronologia foram identificados nesta colecção, produção que tinha agora de concorrer directamente com os melhores modelos ao estilo Europeu e que deve ter sido orientada para um consumidor menos exigente. Este tipo de produção começa progressivamente a ser abandonado e durante o século XIX é apenas residual. FIG.5



Figura 5
Faianças (1700-1850)

0 5 CM

Discussão

As peças recuperadas ao longo do Tejo apresentadas neste trabalho correspondem na sua totalidade a produções de Lisboa. Excepção terá de ser feita às peças reconhecidas como produções do século XVI, atendendo ao bem documentado centro produtor identificado na zona do Barreiro que pode, efectivamente, ter sido responsável pela produção de alguns daqueles artefactos.

A presente colecção representa com fidedignidade a evolução da própria faiança portuguesa produzida em Lisboa com exemplares que podem ser datados entre 1520/50 até meados do século XIX e com peças de quase todos os grandes momentos produtivos. Desta forma existem exemplos de diversas taças e pratos quinhentistas com singela decoração ao estilo das produções andaluzas. O início das produções de inspiração oriental, ainda com apontamentos europeus é representado, como se esperava, apenas com alguns fragmentos atendendo ao elevado custo que estas cerâmicas teriam em tão recuado momento. O número de exemplares aumenta por volta de 1630/40 quando se assiste ao que normalmente se designa de democratização do consumo e quando esta faiança passa a estar disponível em maior número, abastecendo não apenas as exigências das elites com grandes pratos e potes, mas igualmente as necessidades quotidianas da população.

Por outro lado não podemos ignorar que o século XVII marca o recuo da importação de porcelana chinesa e que estas cerâmicas azuis e brancas, que tão bem a contrafaziam sem a substituir, podem ter complementado o desejo de consumo de produtos orientais.

Numa aproximação global à colecção nota-se que apenas uma peça, o grande prato com a lebre e a ave, pode efectivamente ser considerada de grande qualidade, cujo preço seria incomportável para a maior parte da população. O grosso da colecção, ao longo dos seus duzentos e cinquenta anos, revela que se tratam maioritariamente de peças utilitárias, as que seriam utilizadas à mesa no consumo de alimentos. Será difícil, atendendo à ausência de contexto arqueológico, tirar conclusões sobre estes *ratios*. No entanto, o facto de maior parte das peças encontradas corresponderem à primeira fase de produção pode efectivamente indicar que durante o século XVI o Tejo era o principal canal de acesso a cidades como Santarém ou Abrantes. No entanto é impossível utilizar a presente colecção como reflexo dos movimentos comerciais que a faiança portuguesa desempenhava neste rio. Seria necessária a publicação de mais contextos de Idade Moderna ao longo deste curso fluvial para inferir sobre isto, algo que ainda só aconteceu em Vila Franca e em Santarém.

Foi recuperada uma peça cuja cronologia é impossível de definir. Trata-se de um fragmento de caseta ou caixa de forno no interior do qual estas peças eram cozidas durante a segunda cozedura a que eram submetidas de modo a vitrificar a sua superfície. Ainda que nos possa parecer estranho estes objectos aparecerem fora dos centros produtores, não é impossível que aquela tenha viajado no interior de qualquer caixa de louça que saiu de Lisboa, excluindo-se para já a hipótese de produção de faiança ao qualquer outro local ao longo do Tejo.

Convém ainda questionar como foram estas cerâmicas parar ao estuário do Tejo. O seu contexto de deposição não permite avaliar as marcas de uso, devido ao elevado estado de erosão das superfícies. Uma das hipóteses mais plausíveis é que tenham sido descartadas aquando do seu transporte rio acima. Não raro estas peças partiam-se dentro das caixas e seriam tendencialmente rejeitadas ainda antes de entrarem nos circuitos comerciais urbanos. No entanto, não podemos ignorar a presença de duas marcas esgrafitadas no fundo de peças do século XVI, sugerindo que aquelas foram efectivamente utilizadas por alguém, sugerindo tratarem-se de restos domésticos que chegariam ao Tejo. [FIGS. 6 E 7](#)

Figura 6
Gráfico com a
distribuição da faiança
encontrada no Tejo

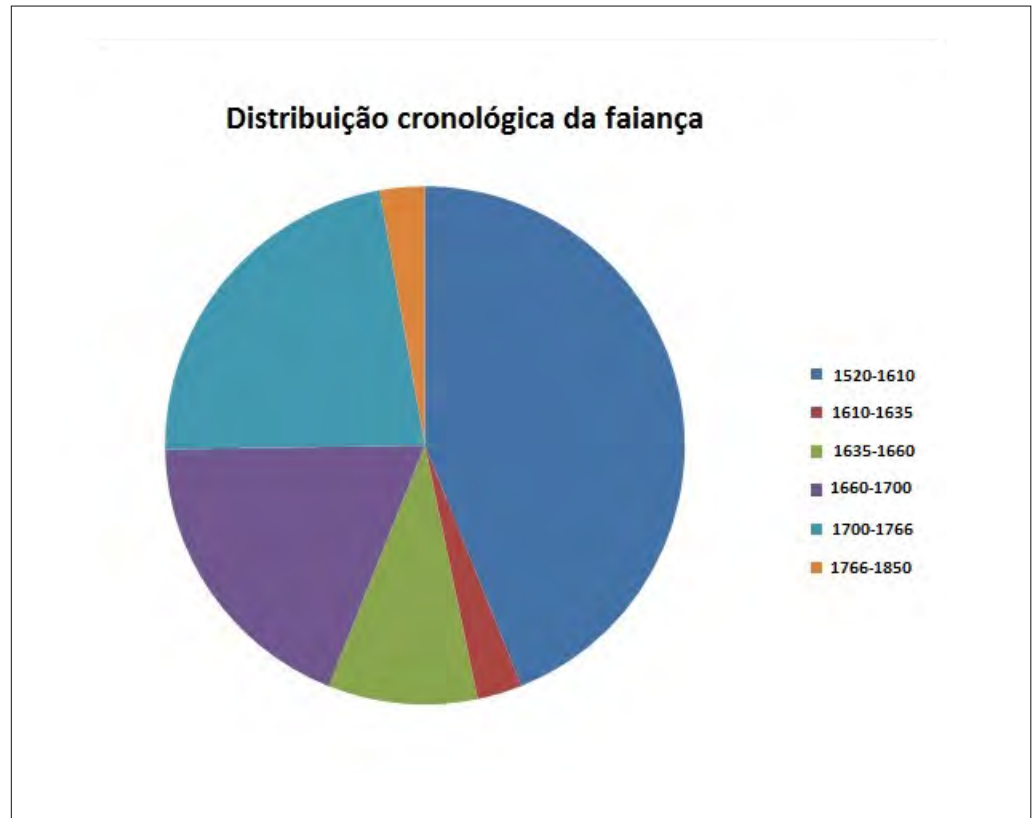
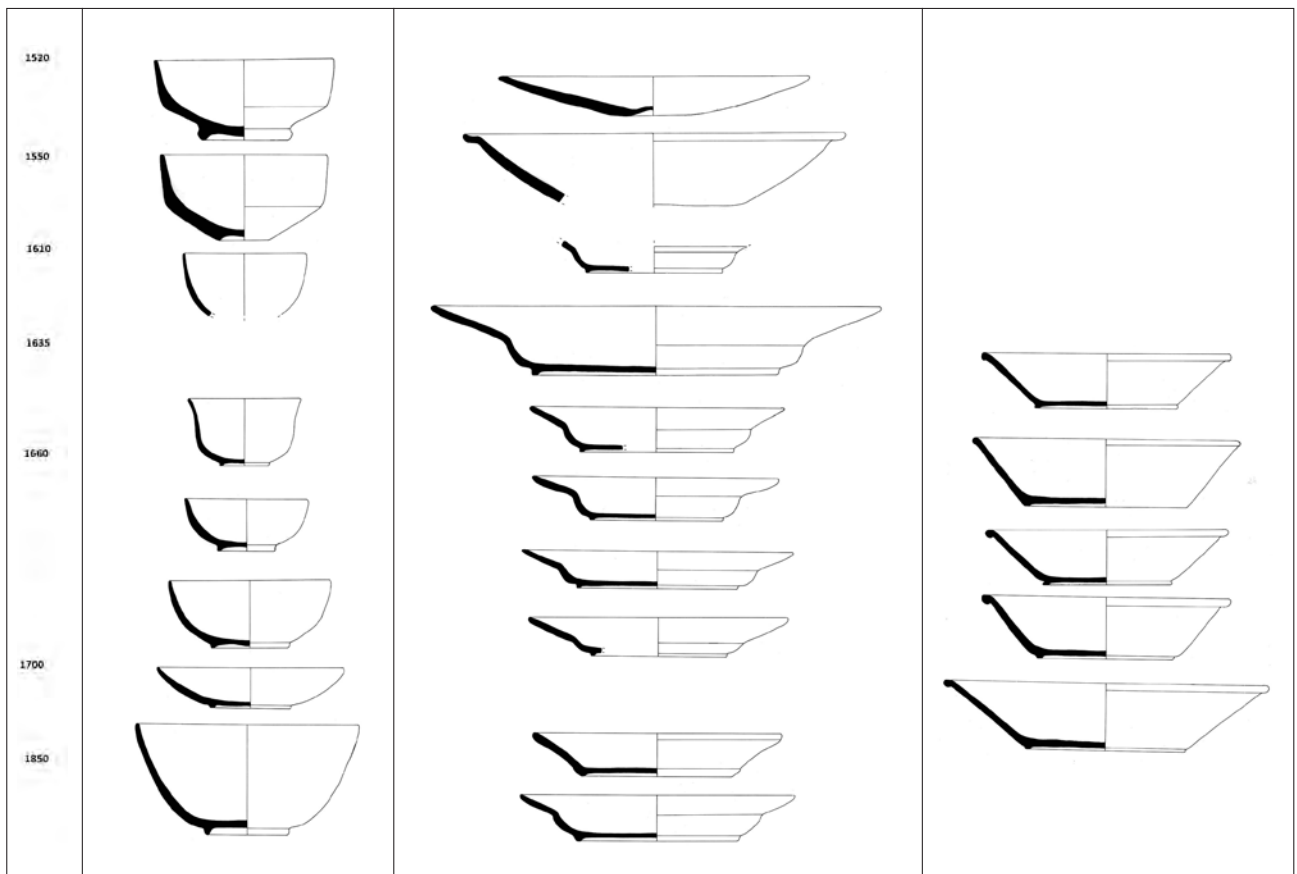


Figura 7
Tabela evolutiva das
formas encontradas
no Tejo



Conclusão

A presente colecção permite assim traçar um retrato da evolução produtiva da faiança lisboeta desde o seu início, nas olarias da capital ou da margem sul, até ao momento em que as fábricas começam a sobrepor a produção através de métodos mais industriais e as suas variações morfológicas. Decorativamente é possível observar igualmente o desenvolvimento da iconografia desde as singelas linhas azuis no fundo dos pratos do século XVI, passando pela profusa decoração de inspiração oriental e Europeia que marca o século XVII e voltando, nos inícios do século XVIII, à decoração minimalista apenas com alguns apontamentos de azul.

É muito semelhante às faianças que se encontram em diversos contextos arqueológicos em diferentes centros urbanos directamente relacionados com o Tejo, nomeadamente Vila Franca de Xira ou Santarém. Acreditamos que realidades afins sejam identificadas em outros lugares ainda que a ausência de publicações, onde haja uma boa explicação do contexto arqueológico e dos seus materiais, não nos permita fazer avançar com mais conclusões acerca da base social de consumo destes materiais.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, M. (2012) – *Convento de Jesus (Setúbal) Arqueologia e História: Faiança decorada*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.
- AMARAL, M.; MIRANDA, T. (coord.) (2002) – *De Olisipo a Lisboa: A Casa dos Bicos (catálogo da exposição da Casa dos Bicos)*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- AMARO, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J.P.; MANSO, C. (2016) – Faiança quinhentista recuperada num compartimento da antiga prisão do Aljube, Lisboa. In Gomes, R.V.; Casimiro, T.M.; Gomes, M. V. (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, p. 67-78.
- BARBOSA, T.; CASIMIRO, T. e MANAIA, R. (2009) – A household pottery group from Aveiro (Portugal). *Medieval Ceramics*. 37, p. 119-136.
- BARREIRA, P.; DÓRDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1995) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII. In *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 145-184.
- BARROS, L. (1984) – Trabalhos arqueológicos nos Paços do Concelho de Almada. *Almadán*. 1.ª série. n.º 3, p. 25-27.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um centro produtor de faiança dos séculos XVII e XVIII. Dados de uma intervenção arqueológica na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. In Teixeira, A.; Bettencourt, J. (ed.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*. Lisboa: Centro de História de Além-Mar, p. 951-962.
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T.M.; SILVA T. (2016) – Portuguese faience in Santarém: evidence from two convents. In Gomes, R. V.; Casimiro, T.M.; Gomes, M. V. (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, p. 257-262.
- CARMONA, R.; SANTOS, C. (2005) – *Olaria da Mata da machada: cerâmicas dos séculos XV-XVI*, Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro.
- CARNEIRO, A. (2000) – O Mundo a azul e branco. Porcelanas e faianças da Casa do Brasil (Santarém). In Custódio, J. (coord.) *Casa do Brasil/Casa Pedro Álvares Cabral*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, p. 61-76.
- CASIMIRO, T.M. (2011) – *Portuguese Faience in England and Ireland*, B.A.R. International Series S2301. Archaeopress. Oxford.
- CASIMIRO, T.M., (2011a) Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. *Arqueólogo Português*. Vol. 1. 5.ª série, p. 689-726.
- CASIMIRO, T.M. (2013) – Faiança Portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, p. 355-373.
- CASIMIRO, T.M.; BARROS, L.; GONÇALVES, J. (2014) – Faiança Portuguesa em Almada (séculos XVI-XVIII). *Anais de Almada*. 17, p. 195-208.

- CASIMIRO, T.M.; GOMES, R.V.; GOMES, M.V. (2015) – Portuguese Faience trade and consumption across the World (16th-18th centuries). Buxeda I Garrigós, J.; Madrid I Fernandez, M.; Iñáñez, J (ed.), *Global Pottery 1. Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*. BAR International Series 2761. Oxford: Hadrain Books, p. 67-80.
- CLAYS, J.; JASPERS, N.; OSTKAMP, S. (2010) – *Vier eeuwen leven en sterven aan de Dokkershaven in Vlissingen*. ADC-Monografie 9. Amersfoort.
- DELFINO, D.; PORTOCARRERO, G. (2014) – *8000 anos a transformar o barro. Cerâmicas do miaa*. Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes.
- FERREIRA, F. E. (1983) – Escavação do ossário de S. Vicente de Fora: seu relacionamento com a história de Lisboa. *Revista Municipal*. C.M.L. 2ª série. N.º 4, p. 5-36.
- FERREIRA, L.F.; MACHADO, I.; FERRARIA, A.; CASIMIRO, T.M.; COLOBAN, Ph. (2013) – Portuguese tin-glazed earthenware from the 16th century: A spectroscopic characterization of pigments, glazes and pastes. *Applied Surface Science*. 285, part B, p. 144-152.
- GOMES, M.V., CASIMIRO, T.M. (ed.) (2013) – *On the world's routes. Portuguese Faience (16th-18th centuries)*. Lisbon: Instituto de Arqueologia e Paleociências.
- GOMES, M.V.; CASIMIRO, T.M. (2016) – Break the code. A Contribution to the Classification and Interpretation of Portuguese Faience iconography (16th-18th centuries). Anthropomorphic representations as a case study. In Gomes, R.V.; Casimiro, T.M.; Gomes, M.V. (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, p. 449-472.
- GOMES, M.V., CASIMIRO, T.M. and GONÇALVES, J., (2012) – *Espólio do naufrágio da Ponta do Leme Velho – Ilha do Sal, Cabo Verde*. Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa.
- GOMES, M.V.; GOMES, R.V. (1993) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI, do Poço – cisterna de Silves. *Xelb*. 3, p. 143-205.
- MENDES, H.; PIMENTA, J. (2007) – *Contexto quinhentista das escavações do Museu do Neo-realismo, Vila Franca de Xira*: Câmara Municipal Vila Franca de Xira.
- OSTKAMP, S. (2010) – Portuguese faience uit Nederlandse bodem, *Polder Vondsten*, n. 13, p. 54-61.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) – A intervenção Arqueológica na Casa da Câmara de Alverca do Ribatejo. In Nunes, G. (coord.), *Alverca da terra às gentes: catálogo da exposição*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, p. 53-67.
- SABROSA, A., 2008 – As Faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In *Actas das 4as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*. Câmara Municipal de Tondela. Tondela, p. 109-142.
- SANTOS, R. (1960) – *Faiança Portuguesa. Séculos XVI e XVII*. Porto: Livraria Galaica.
- SEBASTIAN, L. (2015) – *A Faiança Portuguesa de Olaria na Intervenção Arqueológica do Mosteiro de S. João de Tarouca*, Lamego: Direcção Regional de Cultura do Norte.
- SILVA, R. (2016) – The faience of the 2nd half of the 16th century at the Episcopal palace in Coimbra (Portugal). In: Gomes, R.V.; Casimiro, T.M.; Gomes, M.V. (eds.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, p. 181-188.
- STODDART, E. (2000) – Seventeenth-Century Tin-Glazed Earthenware from Ferryland. *Avalon Chronicles*. Vol. 5, p. 49-99.
- TORRES, C. (1990) – Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI na Cintura de Lisboa. Mata da Machada – Barreiro. *Archaeologie* XIII. Madrid: Casa Velazquez, p. 131-141.
- TORRES, J. (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise de cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. FCSH-UNL. Lisboa. Policopiado.
- WILCOXEN, C. (1999) – Seventeenth-century Portuguese Faiança and its Presence in Colonial America. *Northeast Historical Archaeology*. 28, p. 1-20.

NOTAS

¹ Os autores não subscrevem o acordo ortográfico de 1990.